



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v61i1.4318>

O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO NO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA¹

Ecumenical and interreligious dialogue at the Synod for the Amazon

Elias Wolff²

Resumo: O Sínodo para a Amazônia teve como tema central: “Amazônia: os novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Junto às questões sociais e ambientais refletidas em conexão com o tema central, o Sínodo tratou do pluralismo religioso e eclesial na região amazônica. O intento foi afirmar a convicção de que existe um vínculo estreito entre diálogo e missão, sendo o diálogo entendido como elemento constitutivo da missão da Igreja. Dentre as diversas expressões de fé existentes na região amazônica, os documentos do Sínodo mostram especial atenção às religiões dos povos indígenas, às de matriz afro e ao pentecostalismo. As religiões indígenas são assumidas como interlocutoras preferenciais do diálogo. A partir de então, busca-se explicitar como o diálogo configura os “novos caminhos” que a Igreja percorre na Amazônia, por um processo de evangelização que defenda e promova a vida humana e ambiental.

Palavras-chave: Sínodo para a Amazônia. Missão. Ecumenismo. Diálogo inter-religioso. Ecologia integral.

Abstract: The Synod for the Amazon had as its central theme: “Amazon: the new paths for the Church and for an integral ecology”. Along with the social and environmental issues reflected in connection with the central theme, the Synod dealt with religious and ecclesial pluralism in the Amazon region. The intention was to affirm the conviction that there is a close link between dialogue and mission, with dialogue being understood as a constitutive element of the Church’s mission. Among the various expressions of faith that exist in the Amazon region, the documents of the Synod show special attention to the religions of the indigenous peoples, to those of African origin and to Pentecostalism. Indigenous religions are assumed to be the preferred interlocutors of dialogue. From then on, we seek to explain how the dialogue shapes the “new paths” that the Church travels in the Amazon, through a process of evangelization that defends and promotes human and environmental life.

Keywords: Synod for the Amazon. Mission. Ecumenism. Interfaith dialogue. Integral ecology.

¹ O artigo foi recebido em 29 de março de 2021 e aprovado em 28 de junho de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor. PUC-PR. E-mail: elias.wolff@pucpr.br

Introdução

A *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica*, realizada de 06 a 27 de outubro de 2019, teve como tema central *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Em continuidade com os esforços por revigorar a recepção do concílio Vaticano II e na perspectiva da Igreja “em saída”, que caracterizam o pontificado do papa Francisco, o Sínodo teve como objetivo “identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas”³ considerados à margem dos projetos sociais – e muitas vezes também da igreja –, o que apresenta incerteza sobre seu futuro, também por causa dos problemas ambientais causados por projetos econômicos na região. Para realizar esse objetivo e possibilitar na região uma igreja com rosto amazônico, o Sínodo se propõe a “conhecer a riqueza do bioma, os saberes e a diversidade dos Povos da Amazônia [...] Reconhecer as lutas e resistências dos Povos da Amazônia [...] Conviver com a Amazônia, com o modo de ser de seus povos [...] Defender a Amazônia, seu bioma e seus povos”⁴.

Nesse contexto, um elemento de fundamental importância é analisar como o Sínodo para a Amazônia propõe o diálogo com as diferentes formas de crer existentes na região. O Vaticano II integrou o diálogo ecumênico e inter-religioso no modo de ser igreja e na sua missão (UR; DH; NA). E o papa Francisco reitera o ensino conciliar propondo a “cultura do encontro” (EG 220) e do diálogo para os nossos tempos. Evangelizar vinculando anúncio/missão e diálogo é um desafio constante na história da igreja, mas ganha novas proporções com a intensificação do pluralismo religioso nas sociedades atuais. Esse desafio se manifesta de modo singular na região da Amazônia, que tem a pluralidade – ambiental, social, cultural e religiosa – como uma das características mais expressivas. Essa pluralidade configura a riqueza da natureza e dos povos da região. E se expressa também nas diferentes tradições religiosas. Há cerca de 50 anos, considerava-se que praticamente toda a região professava a fé católica. Mas hoje há clareza da presença de outras expressões da fé cristã, sobretudo evangélicas, inclusive entre os povos indígenas. Além das igrejas consideradas “históricas”, o pentecostalismo está presente na região desde que os norte-americanos Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram ao Pará, em 1910.⁵ E foi na região amazônica, no Pará, que nasceu a primeira comunidade pentecostal no Brasil, a Assembleia de Deus, em 1911. Em nossos dias, nessa região estão as comunidades pentecostais em suas diversas expressões, do pentecostalismo clássico ao neopentecostalismo, enfatizando quatro elementos fundamentais do protestantismo: “a) a salvação somente através da fé em

³ REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <<https://repam.org.br/sinodo-para-a-amazonia/>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

⁴ REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <<https://repam.org.br/sinodo-para-a-amazonia/>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

⁵ RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. *Horizonte*, v. 16, n. 50, p. 900-918, 2018.

Jesus Cristo; b) a experiência de conversão pessoal, comumente chamada de ‘nascido de novo’ numa nova espiritualidade; c) a importância das missões e evangelização; e d) a verdade ou inerrância da Sagrada Escritura”⁶. Há grupos que evangelizam por um processo de inculturação, integrando elementos socioculturais dos povos indígenas na mensagem cristã; e outros pela transculturação, rompendo com as cosmologias dos povos autóctones por uma conversão radical a novos estilos de vida.⁷

O universo religioso amazônico é formado também pelos novos movimentos religiosos, que ultrapassam as fronteiras do cristianismo em suas teologias, liturgias, mitologias e rituais. Destacam-se, aqui, as religiões dos povos indígenas, que só na Amazônia brasileira são hoje cerca de “200 mil pessoas, 420 povos diferentes, 86 línguas e 650 dialetos”⁸. E se considerarmos que cada povo indígena tem sua própria cosmologia, seus mitos, suas crenças e seus ritos, então a variedade de expressões religiosas na Amazônia se mostra ainda mais significativa. Além disso, existem as tradições religiosas de matriz afro em suas diversas expressões, como a umbanda, o Tambor de Minas, o candomblé. Observam-se encontros de horizontes simbólicos das religiosidades cristãs, africanas e indígenas, fortemente relacionadas com a natureza. Mesmo entre tensões, membros da Igreja Católica sintonizam-se com pajelanças, candomblés e outros, formando um catolicismo indígena, um catolicismo afro, um catolicismo caboclo. E do encontro entre religiões indígenas e afro emergem “encantarias afro-indígenas”⁹, em estreita sintonia com as forças e mistérios das matas da região. E ganha espaço na região amazônica também uma espécie de neopaganismo, que se manifesta, entre outras regiões, em Belém, retomando tradições como o druidismo, o odinismo e a Wicca.¹⁰

Nesse contexto religioso plural da Amazônia, muitas religiosidades são fluidas e multifacetadas, de difícil compreensão. Assim é, por exemplo, a “Barquinha”, em Rio Branco/Acre, que pode ser entendida entre uma “religião ayahuasqueira, afro-brasileira ou afro-amazônica”¹¹. Enfim o pluralismo religioso na região se manifesta pelas diversas “mitologias indígenas e africanas amazônicas, pelas pajelanças rurais ou caboclas, pelos cultos xamânicos de curas, pelos pajés, pelos ‘santos e visagens’, pelos Encantados e pelos Círios das cidades amazônicas, pelas religiões de beberagem, pelas expressões religiosas das populações autóctones da Amazônia”¹².

⁶ RODRIGUES; MORAES JÚNIOR, 2018, p. 903.

⁷ RODRIGUES; MORAES JÚNIOR, 2018, p. 910.

⁸ INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Os povos da floresta*. Disponível em: <<https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

⁹ PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas. *Horizonte*, v. 8, n. 17, p. 88-108, 2010.

¹⁰ CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannyel Teles de. Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém, Pará. *PLURA*, v. 6, p. 116-139, 2015.

¹¹ MERCANTE, Marcelo Simão. Barquinha: Religião ayahuasqueira, afro-brasileira ou afro-amazônica? *PLURA*, v. 6, n. 2, p. 100-115, 2015.

¹² CONCEIÇÃO, Douglas da. Perspectivas investigativas da religião na Amazônia: reflexões sobre a emergência do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. *NUMEM*, v. 15, n. 2, p. 295-318, 2012. p. 298.

Do olhar para essa realidade emergem diversas questões: como o Sínodo para a Amazônica compreende a realidade religiosa plural da Amazônia? Como integra essa realidade nos “novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral”? Quais as expressões religiosas identificadas pelo Sínodo como as primeiras interlocutoras da Igreja Católica na região? Quais as propostas concretas e os horizontes de diálogo que o Sínodo aponta? São questões que pretendemos responder neste estudo. O método utilizado para isso é a análise dos documentos do Sínodo que expressam diretamente o pensamento e as posturas da Assembleia Sinodal, recorrendo a outros textos apenas quando necessário para amparar a proposta de diálogo que aí se encontra.

A realidade religiosa da Amazônia nos documentos do Sínodo da Amazônia

Nos documentos do Sínodo para a Amazônia (SA) – Documento Preparatório, *Instrumentum Laboris* e Documento Final, seguido pelos relatórios dos Círculos Menores e da Exortação Pós-Sinodal “Querida Amazônia” – existe a constatação de que na Amazônia os diferentes povos “Dentro de cada cultura, construíram e reconstruíram sua cosmovisão, seus símbolos e significados, e a visão de seu futuro”¹³, formando hoje “um mundo multiétnico, multicultural e multirreligioso”¹⁴, com “uma amálgama de crenças, a maioria cristãs”¹⁵. Vimos acima a grande pluralidade das tradições religiosas na Amazônia. Mas o Sínodo não trata de todas elas. Os documentos preparatórios e consequentes do SA consideram em particular as comunidades pentecostais e as “crenças, espiritualidades e religiões”¹⁶ dos povos indígenas e afros¹⁷. Essas são vistas como principais interlocutoras da igreja. Sendo documentos de natureza eclesial e pastoral, não têm a preocupação de citar dados estatísticos ou apresentar uma caracterização técnica das diversas tradições religiosas da região amazônica. Mas o que é apresentado é suficiente para fundamentar a tese de que “Numa Amazônia plurirreligiosa, os crentes precisam encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e a promoção dos mais pobres”¹⁸, promover uma “convivência ecumênica e inter-religiosa”¹⁹, assumindo compromissos por uma ecologia integral que cuide

¹³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica*, n. 8. Roma, 26 de outubro de 2019. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

¹⁴ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral. *Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico*, n. 36. Vaticano, 17 de junho de 2019. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>>. Acesso em: 27 fev. 2021; ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 8.

¹⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

¹⁶ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 39.

¹⁷ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

¹⁸ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020. n. 106.

¹⁹ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106-110.

da casa comum. Para isso o SA propõe um “diálogo aberto”, no âmbito sociocultural e com “as diferentes Igrejas cristãs e confissões religiosas”²⁰. Com a expressão “Igrejas cristãs” subentende-se o que é mormente designado como “igrejas históricas”²¹ (das tradições ortodoxa, luterana, anglicana, presbiteriana, metodista, entre outras), embora isso não esteja claro no documento. Algumas dessas igrejas estão presentes na região Amazônica e são interlocutoras da Igreja Católica Romana.

Uma questão importante a ser verificada é em que o Documento Final da Assembleia Sinodal e a Exortação Pós-Sinodal do Papa Francisco se distinguem do Documento Preparatório e do *Instrumentum Laboris* na apresentação da realidade religiosa plural da Amazônia. Primeiro, observa-se que em nenhum desses quatro documentos há uma apresentação ampla da realidade religiosa plural da Amazônia. Sabe-se que nessa região, além das diversas expressões da fé cristã e das religiões indígenas e afro, existem muitas outras, como budistas, hindus, Fé Bahai, Santo Daime, entre outras. Os documentos do SA sequer essas expressões religiosas, como também não faz referência explícita a alguma das igrejas do protestantismo histórico. Nisso não se vê mudança significativa entre os quatro documentos.

Contudo, e em segundo lugar, constata-se pelo menos três importantes novidades no Documento Final e na Exortação Querida Amazônia: 1) uma perspectiva positiva e propositiva da leitura do pluralismo religioso na região Pan-Amazônica; 2) a inclusão das religiões de matriz afro no cenário religioso plural da região – totalmente ignoradas no Documento Preparatório; 3) e a proposta clara do diálogo ecumênico e inter-religioso como constitutivo do “novo caminho para a igreja da Amazônia e a ecologia integral” – também inexistente no Documento Preparatório. Nesses três elementos verifica-se importante mudança. No Documento Preparatório e no *Instrumentum laboris* lançava-se um olhar de suspeita e de preocupação com o pluralismo religioso da região Pan-Amazônica, focado numa espécie de temor dos desafios que esse pluralismo apresenta para a missão da igreja. Agora, o Documento Final e a Exortação Pós-Sinodal compreendem o pluralismo religioso como algo que configura a realidade das comunidades amazônicas, incentivando o reconhecimento e a promoção de seus valores. Assim, “a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre os outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança”²².

A leitura dessa realidade se dá de modo progressiva. O n. 8 do Documento Final trata da realidade pluriétnica e pluricultural dos povos da Amazônia. Aqui o leitor interessado no diálogo inter-religioso sente a falta de já nesse número estar apresentada a pluralidade também religiosa da região. Pois, ao dizer que “Dentro de cada cultura, (os povos da Amazônia) construíram e reconstruíram sua cosmovisão, seus símbolos e significados, e a visão de seu futuro”²³, não se pode ignorar que isso se expressa também religiosamente. De fato, esse número afirma que os povos e as

²⁰ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 23.

²¹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

²² PAPA FRANCISCO, 2020, n. 38.

²³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 8.

culturas indígenas possuem “explicações míticas” da realidade, passada e atual – o Documento Final evita usar a expressão “explicações religiosas” (!). A plurirreligiosidade ainda é olhada com a timidez característica do Documento Preparatório e do *Instrumentum Laboris* do SA.

Contudo, no número seguinte do Documento Final vemos o início da mudança. Ao tratar da cultura do bem viver, entendida também como “vida em abundância”, entende-se que essa expressão mostra o esforço para uma vida harmônica entre as pessoas, a natureza e “o ser supremo”²⁴. Ela mostra que os povos indígenas possuem uma relação de transcendência, creem em realidades para além deste mundo – “Deus e as várias forças espirituais”²⁵. Temos aqui uma importante constatação da realidade religiosa dos povos originários da região Pan-Amazônica. E faz-se uma apreciação positiva dessa realidade, mostrando que ela contribui para integrar harmonicamente todas as formas de vida deste mundo entre si (humanos, animais, terra, água etc.) e com uma realidade além, chamada de “ser supremo”, “Deus”, “forças espirituais”, para o que elaboram também “expressões míticas” (que poderiam ser entendidas como “doutrinas”) para a compreensão da realidade como um todo e a orientação de suas vidas. Isso fica mais claro no n. 14 do Documento Final do SA, ao mostrar que “a vida das comunidades amazônicas [...] se reflete na crença e nos ritos sobre a ação dos espíritos da divindade, chamados de inúmeras formas”.

A Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, por sua vez, logo nos primeiros parágrafos do cap. II, aborda a possibilidade de Deus se manifestar pelas diferentes culturas. A falar do “sonho cultural”, afirma que “Deus manifesta-Se, reflete algo da sua beleza inesgotável através dum território e das suas características, pelo que os diferentes grupos, numa síntese vital com o ambiente circundante, desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria”²⁶. Desenvolve, assim, o que o *Instrumentum laboris* já dizia do território amazônico como “lugar de revelação”, “epifânico”, na vida e sabedoria de seus povos! É uma expressão significativa, que mostra a religiosidade dos povos da Amazônia, em suas vestes culturais e em relação com o ambiente. Existe, aqui, um vínculo com o ensino da *Evangelii gaudium* de que “a graça supõe a cultura”²⁷, no reconhecimento das “sementes do Verbo”.

Assim, o *Documento Final* do SA e a *Exortação Pós-Sinodal* explicitam a natureza e a finalidade de toda religião: integrar, relacionar harmonicamente as diferentes realidades que envolvem a história do ser humano e da criação no horizonte do Mistério/Divino. Como afirma a Declaração *Nostra aetate*, desse modo as religiões buscam dar respostas às questões vitais profundas, elucidar enigmas, afirmar o sentido da realidade.²⁸ Na região Pan-Amazônica, isso indica a busca de “algo mais”, para

²⁴ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 9.

²⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 9.

²⁶ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 32.

²⁷ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. n. 91; PAPA FRANCISCO, 2020, n. 68.

²⁸ CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Nostra aetate*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007. n. 1.

além da imanência. Isso está simbolizado no “bem viver” que o Sínodo interpreta como “alegria e plenitude” de vida, pela “harmonia pessoal, familiar, comunitária e cósmica”²⁹. Nessa meta e horizonte se organizam as comunidades originárias da Amazônia, numa relação mística com toda a realidade. Vemos aqui o eco do ensino conciliar de que nas diversas tradições religiosas existem “coisas boas e verdadeiras”³⁰, “preciosos elementos religiosos e humanos”³¹, “germes de contemplação”³², “elementos de verdade e de graça”³³, “sementes do Verbo”³⁴, “verdade e santidade”, “raios da verdade que ilumina” todo ser humano.³⁵

Identificando interlocutores

O diálogo é “aberto” e “plural”, na pauta temática e na identidade dos interlocutores. Mas no conjunto das expressões religiosas da Amazônia, o Sínodo mostra preferência e urgência do diálogo com o pentecostalismo, as religiões indígenas e as de matriz afro. Não significa exclusão das demais. Sabe-se, por exemplo, do valor do diálogo com as igrejas do protestantismo histórico na região, como mostram as atividades do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs – CAIC.

O pentecostalismo

A constatação que os documentos do Sínodo para a Amazônia fazem do pentecostalismo na região amazônica é marcada por preocupações. O Documento Final diz que as relações da igreja católica com comunidades pentecostais na região “não são fáceis”³⁶, e nesse contexto, concorda com o papa Francisco que a igreja é “servidora de um diálogo difícil”³⁷. Mas o n. 24 do Documento Final busca ser propositivo, entendendo que as tensões dessa relação podem conduzir a um aprendizado conjunto e que “pode tornar-se, da nossa parte, motivo de exame pessoal e de renovação pastoral”. O n. 137 do *Instrumentum laboris* já constatava que junto aos povos autóctones “Determinados grupos propagam uma teologia da prosperidade e do bem-estar, com base em uma leitura própria da Bíblia”. Esses apresentam uma mensagem “fatalista” que “inquieta” pela visão negativa do mundo, causando medo ou propondo sucesso que “influenciam negativamente os grupos amazônicos”³⁸. O Documento Final identifica as lideranças “personalistas” como uma das causas do “diálogo difícil” com o pentecostalismo, pois orientam a experiência de fé para “ambientes protegidos e

²⁹ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 71.

³⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam totius*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 16.

³¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 92.

³² CONCÍLIO VATICANO II. *Ad gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 18.

³³ CONCÍLIO VATICANO II. *Ad gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 9.

³⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Ad gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 11, 15.

³⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra aetate*. In: CONCÍLIO VATICANO II, 2007, n. 2.

³⁶ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

³⁷ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 74.

³⁸ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 137.

tranquilizadores”³⁹, apresentando ao crente “o perigo de ser arrastado pelas ondas emocionais do momento”. Entende que em muitos meios pentecostais a compreensão do Evangelho escamoteia a realidade social, os conflitos e as injustiças. Essa fé desencarnada, sem compromisso histórico e sem profecia “contrasta fortemente com as Igrejas históricas”⁴⁰.

Em outra direção, o *Instrumentum laboris* reconhecia que na Amazônia há também grupos religiosos “ao lado dos pobres, realizando uma obra de evangelização e de educação”⁴¹. Mesmo criticando o fato de esses grupos não valorizarem a cultura dos povos autóctones, o *Instrumentum laboris* identifica neles elementos positivos, como o apreço à Bíblia, a formação de “pequenas comunidades com rosto humano” que cultiva a proximidade e a solidariedade. Assim, não obstante os limites, tais grupos “nos mostram outro modo de ser Igreja, onde o povo se sente protagonista, onde os fiéis podem expressar-se livremente, sem censuras, dogmatismos, nem disciplinas rituais”⁴².

Há também a constatação de que membros das comunidades católicas sentem atração pelas comunidades pentecostais, o que gera atritos.⁴³ Contudo, não se pode parar nos conflitos. O papa Francisco mostra, na Exortação Pós-Sinodal, que “É a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas. Deste modo a diferença, que pode ser uma bandeira ou uma fronteira, transforma-se numa ponte”⁴⁴. Para isso é importante um exame da consciência e da ação das lideranças católicas no esforço de uma “renovação pastoral”⁴⁵, analisando a qualidade do testemunho, a eficiência e a eficácia dos projetos de missão. Essa autoanálise deve ser capaz de repropor a missão com novos métodos, nova linguagem e novas estruturas, configurando uma “igreja em saída”, samaritana, misericordiosa, solidária e dialógica.

Enfim, observa-se que o Documento Final e a Exortação Pós-Sinodal não desenvolveram a leitura de perfis dialógicos de segmentos do pentecostalismo na Amazônia, como se verifica no *Instrumentum laboris*, mas apresentam elementos pelos quais a missão da igreja pode identificá-los. O fato de ter observador pentecostal no Sínodo, o assembleiano Moab Cesar Carvalho da Costa, já explicita parceria nos “novos caminhos” de um testemunho comum da Palavra e de compromissos por uma ecologia integral na Amazônia. É plausível a proposta de estudos conjuntos sobre o pentecostalismo, tanto na Amazônia quanto em Roma, com o reconhecimento do trabalho da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) nas pesquisas sobre a Bíblia, a teologia, a espiritualidade e a missão.⁴⁶ A essas iniciativas se somam aquelas do diálogo católico-pentecostal que acontece em outras regiões da América Latina, como a Comunhão Renovada de Evangélicos e Católicos no Espírito Santo

³⁹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

⁴⁰ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

⁴¹ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 138.

⁴² SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 138.

⁴³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

⁴⁴ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 37.

⁴⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2020, n. 24.

⁴⁶ CMP, Grupo “A”, n. 8.

(CRECES) na Argentina, desde 2003; e o Encontro de Cristãos em Busca de Unidade e Santidade (ENCRISTUS) no Brasil, desde 2008. O diálogo católico-pentecostal pode ser “difícil”, como constatado, mas não impossível. E numa região onde o pentecostalismo perfaz a maioria absoluta das comunidades evangélicas, urge promover esse diálogo dentro dos “novos caminhos” para a missão. A igreja católica pode “primeirar” nisso, ciente de que, ao menos por ora, “a partilha católica-pentecostal se dá na vivência e na compreensão entre crentes (e de modo esporádico em lideranças e estruturas oficiais)”⁴⁷.

As religiões indígenas e os cultos afrodescendentes

O *Instrumentum laboris* sintetiza a compreensão religiosa da vida dos povos originários na expressão “bem viver”. Essa expressão “significa compreender a centralidade do caráter relacional-transcendente dos seres humanos e da criação, e supõe um ‘bem fazer’. Não se podem desconectar as dimensões materiais e espirituais”⁴⁸. Desse modo, os povos indígenas alimentam a utopia da busca de uma “terra sem males” ou do “monte santo”⁴⁹ como meta final e realização plena da vida. A igreja pode aprender com eles ao apreciar sua espiritualidade e a “interconexão e interdependência de todo o criado, espiritualidade de gratuidade que ama a vida como dom, espiritualidade de sacra admiração perante a natureza que nos cumula com tanta vida”⁵⁰. Mais:

Na Amazônia, já recebemos riquezas que provêm das culturas pré-colombianas, tais “como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do cultural, a crença em uma vida para além da terrena e tantos outros valores”⁵¹.

Os documentos do Sínodo tratam também dos cultos afros. Mesmo não dando a esses o mesmo espaço concedido às religiões indígenas, e considerando-as mais na perspectiva cultural do que propriamente religiosa, elas são reconhecidas na região amazônica. No Documento Final, as religiões indígenas e afro estão num mesmo número (n. 25), e ambas são apresentadas como primeiras interlocutoras da igreja na Amazônia. O Sínodo exorta para que essas tradições religiosas sejam “conhecidas” e “compreendidas em suas próprias expressões”⁵². Existe aqui uma importante valorização do interlocutor do diálogo. Ao orientar para um verdadeiro conhecimento e compreensão da alteridade religiosa, se está indo ao núcleo do conteúdo da sua fé, penetrando no âmago do mistério que envolve as pessoas e em torno do qual orientam

⁴⁷ IRARRAZAVAL, Diego. Intercambio católico-pentecostal en América Latina. *Caminhos de Diálogo*, n. 13, p. 276, 2020.

⁴⁸ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 13.

⁴⁹ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 13.

⁵⁰ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 73.

⁵¹ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 70.

⁵² ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

a vida e formam a compreensão da realidade. Sem isso, o outro religioso permanece um desconhecido, o que impossibilita qualquer interação positiva.

Há um componente essencial das crenças dos povos indígenas e afros: “sua relação com a floresta e a mãe terra”⁵³. Nos povos indígenas, a cultura do “bem viver”, como já visto, indica aspiração por “autêntica qualidade de vida”, com relações harmônicas entre pessoas, famílias, comunidades e o cosmos, num “modo comunitário de conceber a existência, na capacidade de encontrar alegria e plenitude numa vida austera e simples, bem como no cuidado responsável da natureza”⁵⁴. O “bem viver” tem uma conotação mística que se mostra por uma cosmovisão holística, na qual se tem “uma visão integradora da realidade, capaz de compreender as múltiplas conexões existentes entre tudo o que foi criado”⁵⁵. Afinal, “Tudo está interligado”⁵⁶. A conexão profunda com a natureza faz com que todos os seres se sintam numa relação de fraternidade vital. Assim, quando o diálogo inter-religioso possibilita a partilha da vida em suas alegrias e em suas dores, “as preocupações e as lutas”⁵⁷, ele fortalece também a defesa da “casa comum”, ajudando a “trabalhar lado a lado para defender os pobres da Amazônia (e) mostrar o rosto santo do Senhor e cuidar da sua obra”⁵⁸.

A proposta do diálogo

Há um *crescendum* na proposta do diálogo desde o Documento Preparatório do SA até a Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*. É um diálogo a ser realizado em diversos horizontes, principalmente o sociocultural, o ecumênico e o inter-religioso. Ele possibilita a “transformação de mentalidades estreitas, da conversão de corações endurecidos e da partilha de verdades com a humanidade inteira”⁵⁹. O diálogo é imprescindível na realização dos quatro sonhos/projetos que o papa Francisco apresenta na Exortação Pós-Sinodal: uma sociedade nova; uma cultura que globalize a solidariedade; uma ecologia integral e uma igreja “em saída” com rosto amazônico. Dessa forma, no Sínodo para a Amazônia o diálogo é amplo e aberto, pois “neste momento histórico, a Amazônia desafia-nos a superar perspectivas limitadas, soluções pragmáticas que permanecem enclausuradas em aspectos parciais das grandes questões, para buscar caminhos mais amplos e ousados de inculturação”⁶⁰.

⁵³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

⁵⁴ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 71.

⁵⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 44.

⁵⁶ PAPA FRANCISCO, 2013, n. 24.

⁵⁷ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

⁵⁸ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 110.

⁵⁹ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 40.

⁶⁰ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 105.

Do Documento Preparatório ao Instrumentum Laboris

Em outro estudo foi analisado como o Documento Preparatório do Sínodo para a região Pan-Amazônica manifestava carências na proposta do diálogo ecumênico e inter-religioso.⁶¹ Aquele estudo constatou que, ao apresentar a proposta de “novos caminhos para a igreja na Amazônia e para uma ecologia integral”, o Documento Preparatório do SA tratava de forma tímida a pluralidade religiosa da região, quase silenciando sobre ela⁶², mesmo se fazia referências genéricas ao pentecostalismo e às “crenças” indígenas. O referido documento reconhecia que

a realidade da região é “plurirreligiosa” (Preâmbulo), possui uma “diversidade religiosa” (SECRETARIA GERAL PARA O SÍNODO DOS BISPOS, 2018, n. 6), mas em nenhum momento considera de fato as religiões que ali estão [...] Das dez vezes que utiliza o conceito “espiritualidade”, nove referem-se à espiritualidade da igreja e dos seus missionários, e apenas uma vez diz respeito à vida espiritual dos povos indígenas (SECRETARIA GERAL PARA O SÍNODO DOS BISPOS, 2018, n. 6). Em nenhum momento esses conceitos referem-se explicitamente às tradições religiosas de matriz afro existentes na Amazônia. E também não indicam as correntes de espiritualidades e religiosidades contemporâneas que lá estão. Aliás, sem referir-se explicitamente a estas últimas, o número 6 utiliza o conceito “seita” com inclinação para designá-las, compreendendo que se manifestam na Amazônia “motivadas por interesses alheios ao território e a seus habitantes”, e como contradição às espiritualidades indígenas pelo fato de que “nem sempre favorecem uma ecologia integral”⁶³.

Nessa constatação parcial da pluralidade religiosa da Amazônia, o Documento Preparatório não lançou um olhar positivo para o pluralismo religioso e identifica apenas os desafios que ele apresenta para a missão da igreja. É curioso que esse documento não tenha considerado o diálogo ecumênico e inter-religioso como constitutivo dos novos caminhos para a igreja na Amazônia e para uma ecologia integral. Existe, sim, o reconhecimento das “heranças” da sabedoria dos ancestrais dos povos originários, sobretudo sua cultura de convivência harmônica com a criação. Mas não indica que as “religiões” dos povos indígenas, suas concepções do Criador, seus cultos, seus mitos e sua espiritualidade sejam elementos constitutivos e essenciais dessa cultura e sabedoria. Na verdade, os termos “crença” e “espiritualidade” têm sentido vago e indicam muitas coisas, tanto a cultura do *bem viver* em comunhão com todas as realidades da criação, como a abertura para o Transcendente. Esses conceitos são utilizados como substitutos de “fé” e “religião”, “termos que o documento não aplica para os ensinamentos e as práticas celtas dos povos indígenas”⁶⁴.

⁶¹ WOLFF, Elias. A exigência do diálogo inter-religioso no Sínodo para a Amazônia. *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1, p. 69-93, jan./abr. 2019.

⁶² Cf. WOLFF, 2019, p. 77-78.

⁶³ WOLFF, 2019, p. 76.

⁶⁴ WOLFF, 2019, p. 77.

Contudo, a preparação de um Sínodo tem vários percursos, percorridos num processo que se altera na medida em que vão se clareando questões temáticas, metodológicas e a definição de seus membros. E nesse processo – que se deu por uma ampla escuta às igrejas locais da região e a redação do *Instrumentum Laboris*⁶⁵ – foi se ampliando a compreensão da realidade religiosa plural, entendendo que a promoção do diálogo ecumênico e inter-religioso condiz com as finalidades do Sínodo. Assim, a partir da constatação da realidade plural da Amazônia, o n. 39 do *Instrumentum Laboris* constata que “Existe um amplo e necessário campo de diálogo” na região. E no cap. IV da Primeira Parte propunha “novos caminhos do diálogo” para “transformar as velhas relações, marcadas pela exclusão e a discriminação” e colocar a igreja “a serviço da vida e o futuro do planeta”⁶⁶. Em seguida, tratava da relação entre diálogo e missão⁶⁷, diálogo e aprendizagem⁶⁸, diálogo e resistência⁶⁹. Na Parte III, o *Instrumentum Laboris* apresentava “sugestões” para que o Sínodo tratasse do diálogo ecumênico e inter-religioso. Após uma diferenciação técnica entre “ecumenismo” e “diálogo inter-religioso”⁷⁰, fazia-se uma constatação de diferentes grupos religiosos “missionários” na Amazônia. Esse documento atém-se a segmentos cristãos pentecostais que “preocupam”, entendendo que influenciam negativamente os povos da região no modo como realizam a missão. O *Instrumentum laboris* afirmava que tais grupos religiosos expressavam mais os interesses da própria instituição religiosa do que solidariedade para com os povos da Amazônia.⁷¹

Não obstante, no *Instrumentum laboris* verifica-se também que há comunidades religiosas que se mostram próximas das pessoas e das comunidades locais, companheiras e solidárias em suas vicissitudes. A partir dessa constatação, o n. 139 do *Instrumentum laboris* apresenta quatro sugestões para a promoção do diálogo: a) buscar elementos comuns que possibilitem “trabalhar juntos pelo cuidado da Casa Comum, e para lutar de forma conjunta pelo bem comum face às agressões externas”; b) projetar um modo de ser igreja a partir também do que os outros “nos ensinam”, para bem percorrer os novos caminhos da igreja amazônica; c) promover a “tradução da Bíblia nas línguas dos povos autóctones”; d) e promover “encontros com teólogos cristãos evangélicos”.

Desse modo, o *Instrumentum laboris* avança em relação ao Documento Preparatório ao apresentar sugestões concretas de diálogo ecumênico e inter-religioso para o Sínodo da região Pan-Amazônica. As propostas vinculam diálogo e missão, diálogo e ecologia integral, diálogo e cultura, igreja e sociedade. E a AS entendeu a necessi-

⁶⁵ Foi registrada a participação ativa de mais de 87 mil pessoas, de diferentes cidades e culturas, assim como de numerosos grupos de outros setores eclesiais e as contribuições acadêmicas e organizações da sociedade civil nos temas centrais específicos (ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 3).

⁶⁶ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 35.

⁶⁷ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 38.

⁶⁸ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 39-40.

⁶⁹ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 41-42.

⁷⁰ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 136.

⁷¹ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 137.

dade de colher a riqueza das diversas expressões de fé, estabelecendo sintonias com a missão de pregar o Evangelho e de cuidar da “casa comum”, como se observa no Documento Final e na Exortação Pós-Sinodal.

O Documento Final e a Exortação Pós-Sinodal Querida Amazônia

O termo “diálogo” aparece 27 vezes no Documento Final, e 12 vezes na Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*. Seu significado não é unívoco, tem um universo semântico amplo e se desenvolve em quatro principais horizontes: a) *Social* com a “a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos”⁷², buscando paz e justiça socioambiental para toda a região e todo o planeta. A questão central que se apresenta no diálogo social com os povos amazônicos é posta de forma clara: “Como imaginam eles o ‘bem viver’ para si e seus descendentes?”⁷³. b) *Cultural*, desenvolvido com os diferentes “grupos humanos, seus estilos de vida e cosmovisões”⁷⁴, valorizando o que é próprio de cada comunidade indígena, afrodescendente, ribeirinhos e habitantes das cidades. Central no diálogo cultural é “cuidar das raízes” dos povos autóctones⁷⁵, preservando a originalidade identitária da “Amazônia profunda”⁷⁶. c) *Ecumênico*, entre as diferentes expressões da fé cristã⁷⁷. d) *Inter-religioso*, possibilitando o encontro da fé cristã com as diferentes religiões presentes na Amazônia.⁷⁸ Esses horizontes estão conectados por três principais chaves no Sínodo para a Amazônia: a missão, a igreja com rosto amazônico e a ecologia integral.

Próximo ao significado de diálogo está a categoria *encontro*. Esse termo aparece 16 vezes no Documento Final e dez vezes na Exortação Pós-Sinodal, a maioria delas referindo-se ao movimento da igreja “primeireando” na direção ao “outro e à outra” para partilhar e conviver. Promover a “cultura do encontro”⁷⁹ é condição e consequência de um diálogo sincero na ação missionária da “igreja em saída”. Possibilita a convivência das diferenças que formam o “poliedro amazônico”, reconhecendo que “Deus manifesta-Se, reflete algo da sua beleza inesgotável através dum território e das suas características, pelo que os diferentes grupos, numa síntese vital com o ambiente circundante, desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria”⁸⁰.

Observa-se que, no Documento Final e na Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, continua o *crescendum* da proposta do diálogo ecumênico e inter-religioso no SA. O Documento Final faz a proposta de um “diálogo aberto”⁸¹ realizado na realidade pluriétnica, pluricultural e plurirreligiosa, com uma multiplicidade de in-

⁷² SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 27.

⁷³ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 26.

⁷⁴ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 32.

⁷⁵ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 33-35.

⁷⁶ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 36.

⁷⁷ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24; PAPA FRANCISCO, 2020, n. 109.

⁷⁸ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25; PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106.

⁷⁹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 22; PAPA FRANCISCO, 2020, n. 61.

⁸⁰ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 32.

⁸¹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 23.

terlocutores, incluindo a sociedade, as etnias, as culturas, os credos, enfim, “todas as pessoas de boa vontade que buscam a defesa da vida, a integridade da criação, a paz e o bem comum”⁸². Esse diálogo não se constrói no mesmo nível entre todos os sujeitos, considerando-se as especificidades de cada interlocutor. Mas o critério para dele participar é comum: assumir compromissos concretos com a defesa da vida humana e da criação, pela promoção da paz, da justiça socioambiental e do bem comum.

No Documento Final, esses temas estão no segundo capítulo (n. 23-25), onde são apresentados os “Novos caminhos de conversão pastoral”. A novidade aqui é uma maior explicitação da convicção sobre o diálogo na missão da igreja. O diálogo é inserido no processo de “conversão pastoral”, o que significa um novo jeito de evangelizar, com reconhecimento do valor das alteridades religiosas. Ele é constitutivo da “igreja em saída missionária”⁸³, “samaritana, misericordiosa, solidária”⁸⁴, características da igreja que no *Documento Final* antecedem como elementos propedêuticos do diálogo. Vê-se aqui sintonia com os bispos da América Latina, ao afirmarem que tanto o diálogo ecumênico quanto o inter-religioso tornam-se “caminho indispensável da evangelização na Amazônia (cf. DAp 227)”⁸⁵.

Na Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso aparecem nos números 106 a 110 do cap. IV, ao tratar do “sonho eclesial”. Não são realidades que integram apenas o agir da igreja, elas configuram também o ser eclesial. Como observado em outro estudo, há uma relação identitária entre igreja e diálogo, igreja e ecumenismo.⁸⁶ A identidade da igreja se faz relacional, em sintonia com o Vaticano II, principalmente no Decreto *Unitatis redintegratio* e nas Declarações *Nostra aetate* e *Dignitatis humanae*. Essa relação tem a potencialidade de reconfigurar a igreja, redimensionar seu pensar teológico, renovar suas estruturas e repropor o seu agir. Assim, tanto o Documento Final quanto a Exortação Pós-Sinodal afirmam que uma “nova igreja” na Amazônia se mostra também pelas relações com outras expressões de fé.

O diálogo numa perspectiva pastoral

Os dois documentos citados não apresentam uma definição teórica do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Subentende-se que tal definição já foi apresentada nos documentos do Vaticano II e do magistério posterior, inclusive do papa Francisco. Mas o n. 106 da Exortação Pós-Sinodal coloca um importante fundamento pneumatológico do diálogo, afirmando que “o Espírito Santo pode agir no diverso”. Confirma, assim, o já afirmado no n. 25 do Documento Final: é o Espírito quem possibilita a compreensão da verdade e do bem comum. E a partir das diferenças o Espírito lança luz que ilumina também a fé cristã, de modo que cada fiel em Cristo pode “deixar-se

⁸² ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 23.

⁸³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 21.

⁸⁴ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 22.

⁸⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

⁸⁶ Cf. WOLFF, 2007, p. 43-45.

enriquecer com essa luz⁸⁷ proveniente das diversas formas de crer com sinceridade. Essa luz ilumina a identidade e as convicções religiosas, e é na interioridade da própria fé que acontece a abertura para reconhecer que o Espírito atua também na fé do outro. Essa convicção possibilita o n. 25 do Documento Final falar da “troca de dons”, pelo que uma pessoa cristã pode tanto ser enriquecida em sua fé, quanto enriquecer a fé dos membros de outras tradições religiosas. E a Exortação conclui que “quanto mais profunda, sólida e rica for uma identidade, mais enriquecerá os outros com a sua contribuição específica”⁸⁸. A consequência disso para o diálogo é que teremos a devida “capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria”⁸⁹.

Assim, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso são assumidos no Documento Final e na Exortação Pós-Sinodal numa perspectiva pastoral, como “caminho indispensável da evangelização na Amazônia”⁹⁰. Isso significa que sem o diálogo, a ação pastoral e evangelizadora da igreja não realiza sua finalidade, e a igreja não se reconfigura “em saída missionária”, “samaritana”, “misericordiosa” e “solidária”. É essa igreja que, de fato, “acompanha os povos amazônicos”, e está disposta a “defender os pobres” e cuidar da “obra criadora” de Deus⁹¹. Esse acompanhar não é apenas *estar junto*, mas *assumir* as dores, o lugar e o modo de ser do povo amazônico. Exige conversão para uma espiritualidade “da escuta e do anúncio”. E “Tal conversão interior é que nos permitirá chorar pela Amazônia e gritar com ela diante do Senhor”⁹², assumindo os desafios dos novos lugares sociais da Amazônia, como a urbanização⁹³ e a “crescente desertificação”, que leva índios a morarem nas periferias urbanas.⁹⁴ Assim a igreja assume as feições e os traços que marcam as dificuldades e as belezas dos povos amazônicos. É a igreja de rosto indígena, camponês, afrodescendente, migrante, jovem, enfim, com todos os perfis humanos da região.

A ecumenicidade do sínodo pelos delegados fraternos e os Círculos Menores

A ecumenicidade e dialogicidade do SA se expressaram de uma forma particular pela presença e atuação dos seis “delegados fraternos”, representando diferentes tradições eclesiais.⁹⁵ Vê-se nisso uma continuidade com a prática do Concílio Vaticano II e os sínodos anteriores, que também contaram com representantes de diferentes

⁸⁷ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106.

⁸⁸ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106.

⁸⁹ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 108.

⁹⁰ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

⁹¹ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 110.

⁹² PAPA FRANCISCO, 2020, n. 56.

⁹³ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 34-37.

⁹⁴ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 30.

⁹⁵ Pedro Arana Quiroz, Pastore (Igreja Presbiteriana – Peru); Moab César Carvalho Costa (Igreja Assembleia de Deus – Brasil); Edgar Castaño (Presidente do Conselho Evangélico Colombiano – Colômbia); Daniel dos Santos Lima (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil); Cláudio Correa de Miranda (Vice-Coordenador

igrejas. Com isso o SA é coerente também com a proposta da “cultura do encontro” enfatizada pelo papa Francisco. Chama a atenção o fato de quatro dos seis Delegados Fraternos serem brasileiros, o que, por um lado, pode indicar a atuação efetiva desse país na promoção do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, sem desconsiderar a atuação de outros países. Por outro lado, tal fato se explica também pela membresia e representação de cada um deles: dois representaram o Conselho Amazonense de Igrejas Cristãs; um representou a Assembleia de Deus, de origem brasileira e com expressiva presença na região Pan-Amazônica; e um representou a tradição anglicana.

A definição da metodologia dos trabalhos possibilitou que os delegados frateros tivessem efetivas condições para contribuir com os membros da Assembleia Sinodal. No plenário, eles podiam ouvir as discussões dos temas centrais do Sínodo, e nos Círculos Menores⁹⁶ interagiam no aprofundamento das questões tratadas.

Os Círculos Menores foram formados tendo por base os idiomas dos participantes do Sínodo: cinco Círculos Menores de língua espanhola; um de língua inglesa e francesa; dois de língua italiana e quatro de língua portuguesa. Os relatórios dos Círculos Menores mostram como o tema do diálogo ecumênico e inter-religioso foi ali tratado, ora de forma explícita, ora implicitamente. Expressam um importante reconhecimento da riqueza das tradições religiosas indígenas, com acenos também – embora mais tímidos – para as religiões de tradição afro. A atenção às religiões indígenas está estreitamente vinculada à “opção preferencial pelos povos indígenas”⁹⁷ e ao esforço de inculturação da igreja na Amazônia. O diálogo amplo e aberto – social, cultural, ecumênico e inter-religioso – possibilitou à igreja não apenas melhor “compreender a vida dos povos”, mas também “aprender deles”, sabendo que com isso “nos enriquecemos mutuamente”⁹⁸. Nesse diálogo afirmou-se com clareza que “Diante das diferenças propomos um diálogo ecumênico e inter-religioso. ‘Não haverá paz no mundo se não houver paz entre as religiões’ (Hans Küng)”⁹⁹.

A concretude do diálogo

O horizonte inter-religioso

“Inter-religioso” é uma expressão que aparece seis vezes no Documento Final, enquanto na Exortação Pós-Sinodal está apenas no título que antecede o n. 106, como “convivência [...] inter-religiosa”. Essa expressão indica a relação do catolicismo com as vivências religiosas não cristãs, “especialmente com as religiões indígenas e os cultos afrodescendentes”, que precisam ser “conhecidas, compreendidas em suas

do CAIC – Igreja Anglicana, Brasil); Nicolau Nascimento de Paiva (Coordenador do CAIC – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

⁹⁶ Para a documentação dos Círculos Menores aqui analisados, utilizaremos as siglas: CME (Círculo Menor de Língua Espanhola); CMP (Círculo Menor de Língua Portuguesa); CMI (Círculo Menor de Língua Italiana).

⁹⁷ CME, Grupo “D”, n. 3.

⁹⁸ CME, Grupo “D”, n. 3.

⁹⁹ CMP, Grupo “A”, n. 8.

próprias expressões e em sua relação com a floresta e a mãe terra”¹⁰⁰. O diálogo com membros dessas religiões acontece “partilhando suas vidas, suas preocupações, suas lutas, suas experiências de Deus”¹⁰¹, tendo como finalidade “aprofundar mutuamente sua fé e atuar juntos em defesa da ‘casa comum’”¹⁰². Esse propósito é reiterado no n. 106 da *Exortação*, concluindo que “Numa Amazônia plurirreligiosa, os crentes precisam encontrar espaços para dialogar e atuar juntos pelo bem comum e a promoção dos mais pobres”. Nos dois documentos, o diálogo inter-religioso está estreitamente integrado com o diálogo sociocultural e com a proposta de uma ecologia integral.

O reconhecimento que “O povo da Amazônia é um povo religioso” exige da igreja “Respeitar os ritos de cada povo. Bem como resgate de suas lideranças religiosas, (os pajés, os Xamãs)”¹⁰³. E para isso é necessário o conhecimento mútuo. O n. 25 do Documento Final propõe encontros de estudos sobre a diversidade religiosa na Amazônia, exercitando o diálogo como uma “ponte para a construção do ‘bem viver’”. Assim, melhor compreende-se “a inexauribilidade do Mistério que se comunica na vida destes povos e que constitui um método fundado no respeito para a liberdade do outro, valorizando as ‘sementes do verbo’ presentes nas várias culturas”¹⁰⁴. É nesse contexto que, como identificado acima, acontece a “troca de dons” pelo que “o Espírito Santo conduz cada vez mais à verdade e ao bem (cf. EG 250)”¹⁰⁵. Desse modo, o SA coloca a igreja numa atitude de humildade e de serviço frente às religiões dos povos originários: humildade para compreender que a igreja não esgota o Mistério; serviço, promovendo essas religiões como expressão do Mistério na história humana.

Não obstante, faz-se uma conexão da riqueza espiritual dos povos originários da Amazônia com o conteúdo da fé cristã. De um lado, num documento eclesial e pastoral, isso é compreensível, em sintonia com o Vaticano II que afirma a ação do Espírito integrando todo ser humano a Cristo “nos modos que só Deus conhece”¹⁰⁶. O SA lança um olhar evangélico às diferentes realidades da Amazônia, e as religiões não ficam fora desse olhar. A realidade religiosa originária da região é valorizada pela sua conexão com o Evangelho e a pessoa de Jesus Cristo. Então a sabedoria dos povos indígenas no cuidado da criação é vista como “sementes da Palavra”¹⁰⁷; elementos de suas culturas são compreendidos como “sementes do Verbo”¹⁰⁸; expressões do bem viver são conectadas com as “bem-aventuranças”¹⁰⁹. A *Exortação* afirma a necessidade de ir além do reconhecimento de forças divinas no cosmos, indicando a personalidade do Deus cristão. É preciso “conseguir que esta relação com Deus presente no cosmos

¹⁰⁰ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

¹⁰¹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

¹⁰² ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

¹⁰³ CMP, Grupo “A”, n. 10.

¹⁰⁴ CMI, Grupo “B”, n. 3.

¹⁰⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 25.

¹⁰⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n. 22.

¹⁰⁷ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 14.

¹⁰⁸ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 43.

¹⁰⁹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 9.

se torne cada vez mais uma relação pessoal com um ‘Tu’, que sustenta a própria realidade e lhe quer dar um sentido, um ‘Tu’ que nos conhece e ama”¹¹⁰.

De outro lado, a relação de elementos religiosos dos povos originários com a fé cristã não é sem riscos. Pode levar a uma associação que diminui o valor de suas singularidades e especificidades. Aí temos *um reconhecimento ainda em progresso*, não pleno, da identidade religiosa do outro. Seu valor não está em si mesmo, mas no que nele se vê das verdades que a igreja crê. Essa perspectiva inclusivista, constante no Magistério eclesial, expressa a “teologia do acabamento” ou da “substituição plena ou parcial”¹¹¹, indicando a necessidade de “iluminar” e “purificar” os valores culturais e morais, bem como os esforços religiosos dos povos, entendidos como “preparação para o Evangelho”¹¹², sendo, portanto, “plenificados” por este.¹¹³ Isso soa como tentativa de “elear” as religiões a uma espécie de *status* ou dignidade cristã. Não se pode deixar de ver aí uma tendência de expressar alguma inferioridade delas em relação à fé cristã. De fato, os documentos do SA não dizem, mas insinuam que o bem viver da cosmovisão indígena é limitado, uma vez que “se realiza plenamente nas Bem-Aventuranças”¹¹⁴. Aqui transparece a ideia de que as crenças religiosas dos povos indígenas são “meio religião”. E desse modo elas não são mediações aptas para o real contato com o “ser supremo”, mas apenas um caminho que conduzem para um destino incerto, ou mesmo a lugar nenhum. São “sementes” que precisam amadurecer no encontro com o Evangelho, real expressão do Verbo de Deus. Só então se chega a uma meta definitiva. Essa compreensão tem graves consequências para a missão, sobretudo por embasar uma perspectiva conversionista, indicando que é preciso aderir à verdade que a igreja propõe para efetivamente bem viver, o que significaria abandono das tradições religiosas originais.

Para um diálogo verdadeiro com as diferentes religiões, é fundamental prosseguir na direção de um reconhecimento pleno “em suas próprias expressões”¹¹⁵. Como o papa Francisco afirma na Exortação: “Trata-se de reconhecer o outro e apreciá-lo ‘como outro’, com a sua sensibilidade, as suas opções mais íntimas, o seu modo de viver e trabalhar”¹¹⁶. Desse modo evita-se o risco de cristianizar as crenças e as cosmovisões das diferentes tradições religiosas, diminuir o apreço de suas identidades, deslegitimar suas convicções e costumes, e de pretender cooptar o valor dos elementos que as constituem como sistemas religiosos próprios. Por isso vale para o diálogo das religiões a afirmação de que “sempre é possível superar as diferentes mentalidades de colonização”¹¹⁷, pelo que o encontro com as diferentes tradições de fé possibilita

¹¹⁰ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 73.

¹¹¹ KNITTER, Paul. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 61-106.

¹¹² CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*, n. 3.

¹¹³ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 66.

¹¹⁴ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 9.

¹¹⁵ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n.25.

¹¹⁶ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 28.

¹¹⁷ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 17.

algo semelhante ao que se deve fazer com as culturas: “cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir”¹¹⁸.

O horizonte ecumênico

No Documento Final, o substantivo “ecumenismo” aparece uma vez, e o adjetivo “ecumênico” cinco vezes. E nenhuma vez na Exortação Pós-Sinodal – a não ser no título da seção “Convivência ecumênica e inter-religiosa”. Não obstante a escassez do termo, o ecumenismo é afirmado como algo fundamental para a igreja e a missão na Amazônia. O Documento Final repete o pronunciamento do papa Bento XVI, já presente no documento de Aparecida, que para promover a unidade cristã

Não são suficientes as manifestações de bons sentimentos. São necessários gestos concretos que entrem nos corações e despertem as consciências, enternecendo cada um àquela conversão interior que é o pressuposto de qualquer progresso pelo caminho do ecumenismo¹¹⁹.

Nesse sentido, “ecumenismo” e “ecumênico” possuem dois principais significados: promover a unidade na fé cristã, como expressão do Evangelho comum que é proclamado pelas igrejas na Amazônia; e esforço de integração das diferentes igrejas em iniciativas de defesa e promoção da vida humana, da ecologia integral e de uma sociedade justa. “Ecumenismo” é, assim, expressão da fé comum e da justiça socio-ambiental. Mesmo que na forma substantiva o conceito não se encontre na Exortação Pós-Sinodal, o conteúdo dos números 106 a 110 a ele reportam, mostrando o compromisso da igreja e da missão nessas duas direções.

O ponto de partida é o reconhecimento de que “na Amazônia existem povos que foram evangelizados por outras igrejas”, e que é preciso “saber caminhar com eles”¹²⁰. Para isso é importante ter como base do diálogo ecumênico elementos comuns da fé cristã, dos quais o papa Francisco identifica no número 109 da Exortação Querida Amazônia:

Como cristãos, a todos nos une a fé em Deus, o Pai que nos dá a vida e tanto nos ama. Une-nos a fé em Jesus Cristo, o único Redentor, que nos libertou com o seu bendito sangue e a sua ressurreição gloriosa. Une-nos o desejo da sua Palavra, que guia os nossos passos. Une-nos o fogo do Espírito que nos impele para a missão. Une-nos o mandamento novo que Jesus nos deixou, a busca duma civilização do amor, a paixão pelo Reino que o Senhor nos chama a construir com Ele. Une-nos a luta pela paz e a justiça. Une-nos a convicção de que nem tudo acaba nesta vida, mas estamos chamados para a festa celeste, onde Deus enxugará as nossas lágrimas e recolherá o que tivermos feito pelos que sofrem.

¹¹⁸ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 28.

¹¹⁹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

¹²⁰ CMP, Grupo “C”, n. 4.

A Exortação mostra a fé cristã comum no Deus Uno e Trino. E o Espírito é quem impele as diferentes igrejas à missão também comum de testemunhar o Deus no qual creem, o que implica viver o mandamento do amor e a “paixão pelo Reino”. Isso compromete as igrejas na construção de uma nova civilização, um mundo de solidariedade, de paz e de justiça. O horizonte escatológico que dá sentido de transcendência e orienta a vida neste mundo é o Reino, como meta final da história. Esses elementos, como base ecumênica, centram-se na Palavra que orienta a vida cristã e a ação comum.¹²¹

Para isso é preciso crer que “o Espírito Santo pode agir no diverso”¹²², e no espírito do diálogo podemos “entender o sentido daquilo que o outro diz e faz”¹²³. Sem perder as próprias convicções identitárias, o diálogo mostra que outras expressões da fé cristã podem nos “enriquecer com essa luz” (do Espírito), desde que se consiga “acolhê-la a partir de dentro das suas próprias convicções e da sua própria identidade”¹²⁴. Dessa base comum podem-se trabalhar as tensões, os conflitos e as divergências doutrinárias entre as igrejas na Amazônia.

Vimos que o SA deu uma atenção particular às comunidades pentecostais na Amazônia, constatando ser “difícil” o diálogo com elas, mas também identificando elementos que possibilitam “primeirar” nesse diálogo. Já trabalhamos acima algumas preocupações sobre o pentecostalismo. Mas transcrevemos aqui o que diz o relatório do Círculo Menor, de língua italiana, Grupo “B”, no n. 3:

É, portanto, oportuna uma reflexão da igreja na Amazônia antes de tudo sobre as causas da drástica diminuição dos católicos devido à ação dos movimentos neopentecostais e evangélicos. Estes crescem porque respondem à necessidade de cura, de proximidade e de Salvação para além de seus muito discutíveis interesses econômicos e políticos. Além de exprimir a nossa preocupação pelo crescimento destas novas denominações religiosas, somos provocados a passar de uma imagem ainda muito institucional da igreja a uma Igreja em saída que escuta e que cria comunidades que atuam e festejam a beleza do Evangelho. É necessário que, como Igreja, se desenvolvam a consciência da Bíblia, multiplicando as traduções nas línguas locais. Isso permitirá um diálogo ecumênico e inter-religioso.

O pentecostalismo inquieta as comunidades católicas, mas valoriza-se o que elas realizam no intento de responderem, a seu modo, aos anseios e necessidades espirituais das pessoas. E possui elementos que podem ser apreciados e acolhidos no novo jeito de ser igreja. Assim é, por exemplo, a leveza estrutural na organização de suas comunidades, que dá forte dinamismo na ação e questiona o modo de ser igreja católica, ainda muito centrada na instituição; o apreço à Bíblia nas comunidades pentecostais, que precisa ser fortalecido também nas comunidades católicas; a consciência missionária de todos os membros da comunidade.

¹²¹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 24.

¹²² PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106.

¹²³ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 108.

¹²⁴ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 106.

São fatores propulsores para o diálogo católico-pentecostal. E para fortalecer esse diálogo, as discussões no SA constataram a necessidade de estudos teológicos comuns entre católicos e pentecostais na Amazônia. No Relatório do Círculo Menor, Grupo “A”, de língua portuguesa, n. 8, constata-se a proposta:

Propomos dois colóquios entre os teólogos da RELEP (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais) e os teólogos católicos. Um na Amazônia e outro em Roma. Esses dois encontros, como primeiro passo, serão fundamentais para o aprofundamento do diálogo e unidade em relação a questões comuns: Cristo Jesus, fundamento de nossa fé, bem como a defesa da “Casa Comum”, da Ecologia Integral, da vida e da luta pelas garantias dos direitos humanos, na floresta, no campo e na cidade.

Essa proposta é viável e de fundamental importância para que católicos e evangélicos se fortaleçam nas relações fraternas. O mútuo conhecimento alicerça essas relações, o que exige estudo aprofundado das respectivas formas de ser cristão. Isso terá como consequência o discernimento e o aprofundamento da fé comum, que conduzem e sustentam os compromissos também comuns pela defesa dos direitos humanos e da criação. De fato, as diferentes expressões da fé cristã precisam assumir juntas projetos que favoreçam a “vida em abundância” (Jo 10.10) que Cristo quer para todo ser humano e a criação. A Amazônia é um apelo ecumênico para todas as igrejas que lá estão.

Considerações finais

O Sínodo para a Amazônia enfrentou o desafio de inserir a igreja e sua missão no contexto sociocultural e religioso dos povos amazônicos. Nesse contexto é que se buscam “novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral” na Amazônia. O Sínodo tratou de modo geral o pluralismo religioso da região, apresentando a disposição da igreja para reconhecer que elas configuram a Amazônia não apenas como espaço geográfico (*ubi*), mas também “lugar de sentido” (*quid*), onde se expressa “fé ou a experiência de Deus na história”¹²⁵. Se aí se vive a fé, é porque esse território é “peculiar fonte de revelação de Deus”, como “lugar epifânico”¹²⁶ com “vida e sabedoria que falam de Deus”¹²⁷. E assim o Sínodo mostra a igreja em diálogo com as variadas expressões de fé. Desse modo, entendemos que nosso estudo responde às questões acima colocadas sobre como o SA compreendeu a pluralidade religiosa da Amazônia, a sua proposta de diálogo com essa realidade e os horizontes desse diálogo.

O diálogo é uma exigência imprescindível da ação evangelizadora, com implicações que conduzem a uma constante reconfiguração e reforma em diversos âmbitos e instâncias da vida eclesial. A igreja é convidada a fazer do diálogo um paradigma que orienta a compreensão e a vivência da fé cristã, configurando o seu *modus essendi et operandi*. Trata-se de um diálogo também intraeclesial, desenvolvendo os princí-

¹²⁵ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 19.

¹²⁶ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 19.

¹²⁷ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 19.

pios da subsidiariedade, colegialidade e sinodalidade, como orienta o papa Francisco. Os limites deste artigo não possibilitaram desenvolver esses elementos, mas eles são fundamentais para o avanço da proposta ecumênica e inter-religiosa. Pois o diálogo torna-se, assim, constitutivo do conteúdo da fé vivida e pregada num Deus que, pelo mistério da encarnação em Jesus Cristo, se mostra em constante diálogo com a humanidade (Jo 1.14). É um diálogo amoroso e salvífico, que não condena o mundo com suas diferenças e ambiguidades, mas salva-o nelas (Jo 3.16).

A proposta de um diálogo “amplo e aberto” no SA vai além dos horizontes ecumênico e inter-religioso aqui desenvolvidos. O diálogo é também intercultural, pelo qual a igreja conhece, compreende, defende e promove os valores culturais dos povos da Amazônia. Nisso a igreja vive dois movimentos: a “dinâmica da fecundação”, que permite o Evangelho se expressar nas culturas; e a recepção dos valores culturais que enriquecem a igreja.¹²⁸ Para isso, o princípio do bem viver pode ser assumido em seu valor intrínseco e próprio, como algo que expressa verdadeira e plena realização. E isso com um significado universal mais expressivo do que muitas vezes se tem no conceito de “salvação” na teologia cristã. O bem viver tem significado antropológico, religioso e cósmico. Não é mera realização interior, da subjetividade ou da alma, mas algo histórico e implica o “bem fazer”¹²⁹, que organiza as relações no conjunto da realidade. Para os povos autóctones da Amazônia, isso é tanto um princípio sociocultural, quanto conteúdo de crença. E mostra para toda a humanidade que a realização plena (salvação...?) está vinculada ao agir, “bem fazer”, em prol da justiça para com todas as formas de vida. Tal é condição do bem viver para a humanidade e todas as criaturas. Assim, a missão da igreja no atual contexto religioso plural “deve favorecer aquelas expressões que sejam manifestação do mistério de Deus e demonstrem o bem viver e o bem fazer nas comunidades e Povo”¹³⁰. Nessa direção abrem-se os “novos caminhos” que a igreja precisa percorrer hoje.

Referências

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica*. Roma, 26 de outubro de 2019. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>. Acesso: 10 mar. 2021.

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Relatório dos Círculos Menores*. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/it/documenti/veja-aqui-o-interior-teor-dos-relatorios-dos-circulo-menores-em-p.html>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BENTO XVI. *Mensagem aos Cardeais Eleitores na Capela Sistina* (20/04/2005). Disponível em <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/urbi/documents/hf_ben-xvi_mes_20050420_missa-pro-ecclesia.html>. Acesso: 01 mar. 2021.

¹²⁸ PAPA FRANCISCO, 2020, n. 68.

¹²⁹ ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2020, n. 9.

¹³⁰ CME, Grupo “A”, n. 8.

- CONCEIÇÃO, Douglas da. Perspectivas investigativas da religião na Amazônia: reflexões sobre a emergência do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. *NUMEM*, v. 15, n. 2, p. 295-318, 2012.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007.
- IRARRAZAVAL, Diego. Intercambio católico-pentecostal en América Latina. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 275-286, jul./dez. 2020.
- CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannyel Teles de. Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém, Pará. *PLURA*, v. 6, p. 116-139, 2015.
- INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA. *Os povos da floresta*. Disponível em: <<https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- KNITTER, Paul. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MERCANTE, Marcelo Simão. Barquinha: Religião ayahuasqueira, afro-brasileira ou afro-amazônica? *PLURA*, v. 6, n. 2, p. 100-115, 2015.
- NOTÍCIAS UOL (01/11/2020). *Incêndios continuam castigando pantanal e Amazônia*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/11/01/incendios-continuam-castigando-a-amazonia-e-o-pantanal.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias Afro-indígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas. *Horizonte*, v. 8, n. 17, p. 88-108, 2010.
- PAPA FRANCISCO. *Encíclica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Brasília: Edições CNBB, 2013.
- PAPA FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PAPA FRANCISCO. *Encíclica Laudato Sí*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. *Decreto n. 10.239, De 11 de fevereiro de 2020*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10239.htm#art15>. Acesso em: 03 mar. 2021.
- REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <<https://repam.org.br/sinodo-para-a-amazonia/>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA ESPANHOLA – GRUPO “A”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/es/noticias/relacion-del-circulo-menor-grupo-a---espanol.html>>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA ESPANHOLA – GRUPO “B”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/es/noticias/relacion-del-circulo-menor-grupo-b---espanol.html>>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA ESPANHOLA – GRUPO “D”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/es/noticias/relacion-del-circulo-menor-grupo-d---espanol.html>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA ITALIANA – Grupo “B”. Disponível em <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/it/attualita/relazione-del-circolo-minore-gruppo-b---italiano.html>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – Grupo “A”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/relatorio-dos-circulos-menores.html>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – Grupo “B”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/relatorio-do-circulo-menor---grupo-b.html>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – Grupo “C”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/relatorio-do-circulo-menor-grupo-c---portugues.html>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

RELATÓRIO DO CÍRCULO MENOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – Grupo “D”. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/relatorio-do-circulo-menor-grupo-d---portugues.html>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. A pentecostalização de povos tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. *Horizonte*, v. 16, n. 50, p. 900-918, 2018.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. Instrumentum Laboris do Sínodo Amazônico. Vaticano, 17 de junho de 2019. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*. Documento preparatório do Sínodo para a Amazônia. Vaticano, 08 de junho de 2018. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. *A Igreja e as Outras Religiões*. Diálogo e missão. São Paulo: Paulinas, 2001.

WOLFF, Elias. *A Unidade da Igreja*. Ensaio de eclesiologia ecumênica. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLFF, Elias. A exigência do diálogo inter-religioso no Sínodo para a Amazônia. *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1, p. 69-93, jan./abr. 2019.